



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

PRESS BOOK

Lançamento do Arquivo Digital de Luandino Vieira

Fundação Calouste Gulbenkian
29 de março 2023

Revista de Imprensa

1. Pensar o nosso impensado..., Diário de Notícias, 04/04/2023 1
2. Cadernos de Luandino Vieira em acervo digital, RTP3 - Horas Extraordinárias (As), 03/04/2023 2
3. Pensar o nosso impensado..., Diário de Notícias Online, 03/04/2023 3
4. As palavras e os silêncios de Luandino Vieira na prisão, agora num arquivo para o futuro, Observador Online, 30/03/2023 5
5. Papéis de prisão de Luandino Vieira em versão digital, Ciberdúvidas online, 30/03/2023 6
6. Acervo Digital - Papéis de prisão de Luandino Vieira, Humanities and Social Sciences online, 30/03/2023 7
7. Cadernos de prisão de Luandino Vieira digitalizados, SIC Notícias Online, 30/03/2023 8
8. Arquivo dos diários da prisão de José Luandino Vieira disponível em formato digital, TSF - Notícias, 29/03/2023 9
9. Arquivo dos diários da prisão de José Luandino Vieira disponível em formato digital, TSF - Notícias, 29/03/2023 10
10. Arquivo dos diários da prisão de José Luandino Vieira disponível em formato digital, TSF - Notícias, 29/03/2023 11
11. Arquivo dos diários da prisão de José Luandino Vieira disponível em formato digital, TSF - Notícias, 29/03/2023 12
12. A versão digital dos "Papéis da Prisão" de Luandino Vieira, TSF Online, 29/03/2023 13
13. Doze anos de prisão agora contados num site para todos, Público, 26/03/2023 14



Opinião Guilherme d'Oliveira Martins

Pensar o nosso impensado...

Os escritos da prisão de Luandino Vieira acabam de ser reunidos em arquivo digital, com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian. Grande parte da obra ficcional do autor de *Luanda* foi escrita durante os 12 anos em que esteve preso – de 1961 a 1964 em várias cadeias da cidade de Luanda, tendo sido enviado para o Tarrafal, em Cabo Verde, onde permaneceu até 1972, altura em que foi transferido para Lisboa, em regime de residência fixa, até 1974. São do período da prisão 17 cadernos com anotações diárias, correspondência, postais, desenhos, canções populares, esboços literários, textos em quimbundo, traduções e notas várias. Em 2015, a editorial Caminho publicou em livro *Papéis da Prisão – Apontamentos, diários e correspondência (1962-1970)*, ainda com apoio da Gulbenkian. E agora, graças ao trabalho realizado sob a coordenação de Margarida Calafate Ribeiro e Roberto Vecchi, com a equipa do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, todo o acervo ficou acessível para consulta pública.

Foi-me dado reencontrar Luandino Vieira, retomando um antigo diálogo extraordinário, que se tem traduzido em admiração e amizade. E de novo falámos, em várias declinações, dos pontos da língua portuguesa. Língua portuguesa que apenas ganha sentido pleno se vista como pluralidade. E ambos nos demos, sem combinação prévia, a lembrar palavra por palavra o “Chiquinho” de Baltazar Lopes, o Caleijão, a importância e a riqueza dos crioulos, as incertezas, os debates no seio da revista *Claridade* sobre a importância simbólica do protagonista do romance fundador da moderna literatura de Cabo Verde. E esse encontro inesquecível ocorreu, num rasgo de felicidade, um dia apenas depois de termos iniciado ali mesmo a invocação de Eduardo Lourenço, vindo à baila o que Roberto Vecchi dissera no lançamento desse colóquio, que constituiu um apetitivo para a reflexão necessária sobre o ensaísta de *Do Colonialismo como Nosso Impensado* (Gradiva, 2014).

Quer no testemunho direto de Luandino Vieira, quer na releitura dos

textos de Eduardo Lourenço, podemos encontrar, de modo objetivo, sem complexos, nem justificações retrospectivas anacrónicas, uma análise do presente e do futuro sobre um “impensado” que reclama uma leitura desapaixonada sobre quem somos na relação com a História. De facto, a raiz verdadeira de uma “estranha permanência e difusão do mito do colonialismo ‘diferente dos outros’ reside na identidade substancial das situações metropolitana e colonial, ambas coloniais, a tal ponto que salvas certas manifestações tipicamente escravagistas e cada vez mais incompatíveis com os tempos, com a melhor consciência do mundo, o colonizado da metrópole não acha muito estranha a situação do colonizado das “províncias”, nem a má consciência o apavora quando se comporta diante dele como no fundo o senhorito da Metrópole se comporta para com ele. A nossa idílica harmonia colonial, condimentada com epiderme exótica e alguma água benta, repousa sobre esta cinzenta identidade”. E enquanto ingleses, franceses, holandeses e belgas foram colonialistas que se aceitaram como tais, nós (como os castelhanos) não sabemos o que isso é, “somos colonialistas como somos portugueses”. E assim há um “espanto e silêncio” a esconder a aventura colonial – “sob a indiferença dos trópicos e o esquecimento do mundo”.

É esse esquecimento que nos obriga a pensar que não fomos os únicos a deixarmo-nos esquecer dessa maneira. Eduardo Lourenço foi claro na explicitação de essenciais intuições sobre as nossas especificidades, já que “tudo isto está de acordo com a nossa maneira de estar no mundo”. E por isso mesmo o impensado (do salazarismo e do colonialismo) não pode ser visto de ânimo leve. E “só no dia em que de portas adentro descobrirmos o sentido do que nos aconteceu de veras e medirmos a nossa agora exata dimensão, a já visível ressaca será crise de identidade e reformulação de destino”.

Administrador executivo
da Fundação Calouste Gulbenkian



Cadernos de Luandino Vieira em acervo digital

<https://pt.cision.com/cp2013/ClippingDetails.aspx?id=2f99dd24-d2d1-4e0d-8e5a-97fa90220a2b&userId=8ceba73-3df7-4502-91a2-ca3f238fa3f8>

Parece impossível, os apontamentos da vida na prisão do escritor Luandino Vieira estão a partir de agora disponíveis no site da Faculdade de Coimbra e são de acesso gratuito, a digitalização de mais de 2 mil documentos manuscritos entre 1962 e 1971, nas prisões de Luanda e do Tarrafal, demorou 10 anos e contou com o apoio da Fundação Gulbenkian. Declarações de Margarida Calafate Ribeiro, coordenadora do projeto "Papéis da Prisão".

Repetições: RTP3 - Horas Extraordinárias (As) , 2023-04-03 01:30

Pensar o nosso impensado...

Tipo Melo:	Internet	Data Publicação:	03/04/2023
Melo:	Diário de Notícias Online	Autores:	Guilherme d´Oliveira Martins

URL: <https://www.dn.pt/opiniao/pensar-o-nosso-impensado-16113349.html>

Os escritos da prisão de Luandino Vieira acabam de ser reunidos em arquivo digital, com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian. Grande parte da obra ficcional do autor de Luanda foi escrita durante os 12 anos em que esteve preso -- de 1961 a 1964 em várias cadeias da cidade de Luanda, tendo sido enviado para o Tarrafal, em Cabo Verde, onde permaneceu até 1972, altura em que foi transferido para Lisboa, em regime de residência fixa, até 1974. São do período da prisão 17 cadernos com anotações diarísticas, correspondência, postais, desenhos, cancioneros populares, esboços literários, textos em quimbundo, traduções e notas várias. Em 2015, a editorial Caminho publicou em livro Papéis da Prisão - Apontamentos, diários e correspondência (1962-1970), ainda com apoio da Gulbenkian. E agora, graças ao trabalho realizado sob a coordenação de Margarida Calafate Ribeiro e Roberto Vecchi, com a equipa do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, todo o acervo ficou acessível para consulta pública.

Foi-me dado reencontrar Luandino Vieira, retomando um antigo diálogo extraordinário, que se tem traduzido em admiração e amizade. E de novo falámos, em várias declinações, dos mundos da língua portuguesa. Língua portuguesa que apenas ganha sentido pleno se vista como pluralidade. E ambos nos demos, sem combinação prévia, a lembrar palavra por palavra o "Chiquinho" de Baltazar Lopes, o Caleijão, a importância e a riqueza dos crioulos, as incertezas, os debates no seio da revista Claridade sobre a importância simbólica do protagonista do romance fundador da moderna literatura de Cabo Verde. E esse encontro inesquecível ocorreu, num rasgo de felicidade, um dia apenas depois de termos iniciado ali mesmo a invocação de Eduardo Lourenço, vindo à baila o que Roberto Vecchi dissera no lançamento desse colóquio, que constituiu um aperitivo para a reflexão necessária sobre o ensaísta de *Do Colonialismo como Nosso Impensado* (Gradiva, 2014).

Quer no testemunho direto de Luandino Vieira, quer na releitura dos textos de Eduardo Lourenço, podemos encontrar, de modo objetivo, sem complexos, nem justificações retrospectivas anacrónicas, uma análise do presente e do futuro sobre um "impensado" que reclama uma leitura desapaixonada sobre quem somos na relação com a História. De facto, a raiz verdadeira de uma "estranha permanência e difusão do mito do nosso colonialismo "diferente dos outros" reside na identidade substancial das situações metropolitana e colonial, ambas coloniais, a tal ponto que salvas certas manifestações tipicamente escravagistas e cada vez mais incompatíveis com os tempos, com a melhor consciência do mundo, o colonizado da metrópole não acha muito estranha a situação do colonizado das "províncias", nem a má consciência o apavora quando se comporta diante dele como no fundo o senhorito da Metrópole se comporta para com ele. A nossa idílica harmonia colonial, condimentada com epiderme exótica e alguma água benta, repousa sobre esta cinzenta identidade". E enquanto ingleses, franceses, holandeses e belgas foram colonialistas que se aceitaram como tais, nós (como os castelhanos) não sabemos o que isso é, "somos colonialistas como somos portugueses". E assim há um "espantoso silêncio" a esconder a aventura colonial -- "sob a indiferença dos trópicos e o esquecimento do mundo".

É esse esquecimento que nos obriga a pensar que não fomos os únicos a deixarmo-nos esquecer dessa maneira. Eduardo Lourenço foi claro na explicitação de essenciais intuições sobre as nossas especificidades, já que "tudo isto está de acordo com a nossa maneira de estar no mundo". E por isso mesmo o impensado (do salazarismo e do colonialismo) não pode ser visto de ânimo leve. E "só no dia

em que de portas adentro descobriremos o sentido do que nos aconteceu de veras e medirmos a nossa agora exata dimensão, a já visível ressaca será crise de identidade e reformulação de destino".

Administrador executivo da Fundação Calouste Gulbenkian

PartilharPartilhar no FacebookTwitterEmailWhatsappPartilharComentários

Guilherme d'Oliveira Martins

As palavras e os silêncios de Luandino Vieira na prisão, agora num arquivo para o futuro

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 30/03/2023
Meio: Observador Online Autores: Ricardo Ramos Gonçalves

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=1084d404>

Com o apoio da Gulbenkian, foi criado o arquivo digital dos papéis da prisão do escritor, disponível ao público em geral. Um contributo "essencial", na Literatura e na História, dizem os responsáveis.

José Luandino Vieira é, reconhecidamente, um escritor de poucas palavras. Diz que é no silêncio que escreve e mantém essa postura como imperativo. Afinal de contas, tudo o que de importante fez, realça, está nos livros que escreveu. É também a essa singular obra - das quais se destacam livros como Luanda e Nosso Musseque - que agora regressamos, mas por um outro olhar, bem clínico, através dos papéis da prisão que reuniu e que depois de uma edição em livro passam agora a estar disponíveis também num arquivo digital, disponível a partir desta quarta-feira, dia 29 de março.

No total, contam-se dezassete cadernos compostos por anotações diarísticas, correspondência, postais e desenhos, canções populares, esboços literários e exercícios de tradução, ditos e textos em quimbundo, recortes jornalísticos e apontamentos: mais de 2000 folhas manuscritas, conservadas inéditas ao longo de 50 anos, agora disponíveis ao público em geral num acervo criado com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, que fez questão de apresentar este exaustivo trabalho de pesquisa e inventariação numa cerimónia onde o autor esteve presente.

Numa ocasião pública, umas das raras no percurso do escritor que recusou o Prémio Camões, em 2006 - conhecido pela sua figura discreta e por não dar entrevistas - Luandino Vieira começou por remeter um "obrigado", dizendo que não tinha mais palavras para acrescentar. Ainda assim acedeu ao momento de conversa com Roberto Vecchi, professor da Universidade de Bolonha, que estava planeado no programa. Num breve diálogo, o autor falou sobre a importância do artista norte-americano Thelonious Monk, lendário no domínio do jazz que, como diz, o espantou por se "tratar de um pianista que toca nas pausas e não nas notas". Paralelismo que pode ser feito com a sua obra literária, dominada por uma condição de ativismo político e pelas consequências que isso lhe trouxe durante o Estado Novo. No período de maior produção literária, quando estava preso (estiveram vários anos em diferentes prisões), salienta como "o branco da página era o ruído total" e que enfrentá-lo era como "enfrentar uma multidão, com a agravante de não perceber que tipo de figuras se podem encontrar nessa mesmo conjunto". A resposta foi dada pela "via literária", assevera.

Este artigo é exclusivo para os nossos assinantes: assine agora e beneficie de leitura ilimitada e outras vantagens. Caso já seja assinante inicie aqui a sua sessão. Se pensa que esta mensagem está em erro, contacte o nosso apoio a cliente.

Ricardo Ramos Gonçalves

Papéis de prisão de Luandino Vieira em versão digital

Tipo Melo: Internet

Data Publicação: 30/03/2023

Melo: Ciberdúvidas online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=457ed91c>

Acervo Digital - Papéis de prisão de Luandino Vieira

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 30/03/2023

Melo: Humanities and Social Sciences online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=2cd30daf>

Cadernos de prisão de Luandino Vieira digitalizados

Tipo Melo: Internet

Data Publicação: 30/03/2023

Melo: SIC Notícias Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=de2273bd>

Arquivo dos diários da prisão de José Luandino Vieira disponível em formato digital

<https://pt.cision.com/cp2013/ClippingDetails.aspx?id=5050798a-f1ae-44a8-8d1b-0caf56786af3&userId=8ceba73-3df7-4502-91a2-ca3f238fa3f8>

O arquivo dos diários de prisão de José Luandino Vieira escritos no Tarrafal está a partir de hoje disponível em formato digital. Todos os manuscritos, que incluem criação artística de texto e desenhos e pensamento político sobre o colonialismo e a ditadura estão refletidos nestes documentos editados em livro em 2015 e que agora ganha outra vida. O trabalho do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian foi coordenado por Margarida Calafate Ribeiro e contou com a participação do próprio Luandino Vieira. A investigadora entende que este arquivo é uma ferramenta que ajuda a interpretar a obra escrita do autor angolano.

Arquivo dos diários da prisão de José Luandino Vieira disponível em formato digital

<https://pt.cision.com/cp2013/ClippingDetails.aspx?id=a01e650e-c184-4089-97b1-b8f7e2f270fb&userId=8ceba73-3df7-4502-91a2-ca3f238fa3f8>

É um dos protagonistas do dia., José Luandino Vieira, 87 anos. Os arquivos dos diários de prisão do escritor angolano luso-angolano vão ser disponibilizados na Internet mais logo, um trabalho que já está feito há algum tempo mas que foi que agora foi atualizado pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian.

Comentários de Margarida Calafate Ribeiro, coordenadora da recolha e de organização do arquivo de Luandino Vieira; Sandra Inês Cruz, jornalista e investigadora do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.

Arquivo dos diários da prisão de José Luandino Vieira disponível em formato digital

<https://pt.cision.com/cp2013/ClippingDetails.aspx?id=89b3d4a4-933c-470d-96e9-262a4829d446&userId=8ceba73-3df7-4502-91a2-ca3f238fa3f8>

Os arquivos dos diários de prisão de José Luandino Vieira escritos no Tarrafal e também em Luanda estão a partir de hoje disponíveis em formato digital. Todos os manuscritos que incluem criação artística de texto e desenhos, também o pensamento político sobre o colonialismo e a ditadura estão refletidos nestes documentos editados em livro em 2015 e que agora ganham uma outra vida digital. O trabalho do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian foi coordenado por Margarida Calafate Ribeiro e contou com a participação do próprio Luandino Vieira. A investigadora entende que este arquivo é uma ferramenta que ajuda a interpretar a obra escrita do autor angolano.

Arquivo dos diários da prisão de José Luandino Vieira disponível em formato digital

<https://pt.cision.com/cp2013/ClippingDetails.aspx?id=96530520-a8d8-47d3-ba45-96e8c576cf7e&userId=8ceba73-3df7-4502-91a2-ca3f238fa3f8>

A partir de hoje o arquivo dos diários da prisão de José Luandino Vieira está disponível em formato digital. Escritos no Tarrafal e publicados em livro em 2015, os manuscritos são compostos de textos, desenhos mostrando já o pensamento do escritor sobre o colonialismo. Agora a obra passou do papel para o digital num trabalho feito pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra coordenado por Margarida Calafate Ribeiro, que classifica este arquivo como uma ferramenta para conhecer a obra do autor angolano.

A versão digital dos "Papéis da Prisão" de Luandino Vieira

Tipo Melo:	Internet	Data Publicação:	29/03/2023
Melo:	TSF Online	Autores:	Nuno Domingues

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=76dc1301>

O livro que reúne os manuscritos do escritor angolano durante a prisão em Luanda e no Tarrafal passa a ser um acervo digital, de interesse geral para compreender a história do colonialismo.

O arquivo dos diários de prisão de José Luandino Vieira, escritos na prisão de Luanda, e depois, nos anos 60 e 70, no Tarrafal, está disponível a partir desta quarta-feira em formato digital.

Todos os manuscritos, que incluem criação artística de texto, desenhos, e pensamento político sobre o colonialismo e a ditadura estão refletidos nestes documentos editados em livro, em 2015, e que agora ganham outra vida.

O trabalho do centro de estudos sociais da Universidade de Coimbra, como o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, foi coordenado por Margarida Calafate Ribeiro e contou com a participação do próprio Luandino Vieira.

A investigadora entende este arquivo como uma ferramenta que ajuda a interpretar a obra escrita do autor angolano e é uma peça importante para compreender a história do colonialismo português.

Os manuscritos incluem desenho, letras de músicas tradicionais e dicionários de português para vários dialetos, como o quimbundo.

Outra ideia sugerida pela investigadora do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, numa conversa com a TSF, é a importância de compreender os atores da luta contra o regime colonial pelas novas gerações, cujas vidas foram determinadas pela independência das antigas colônias portuguesas. É, nesse sentido, uma herança para o futuro.

Nesta apresentação será também mostrado um excerto de 15 minutos de um documentário sobre Luandino Vieira, um trabalho que ainda não está completo. À TSF, a autora Sandra Inês Cruz, jornalista e investigadora do centro de estudos sociais da Universidade de Coimbra, revela que escolheu mostrar as gravações feitas nos locais onde o escritor esteve preso: do Aljube ao Tarrafal.

O "Acervo Digital, Papeis da Prisão" está disponível a partir desta quarta-feira aqui e o lançamento inclui uma conversa do investigador Roberto Vecchi com o próprio José Luandino Vieira, logo à tarde, na Fundação Calouste Gulbenkian.

[Additional Text]:

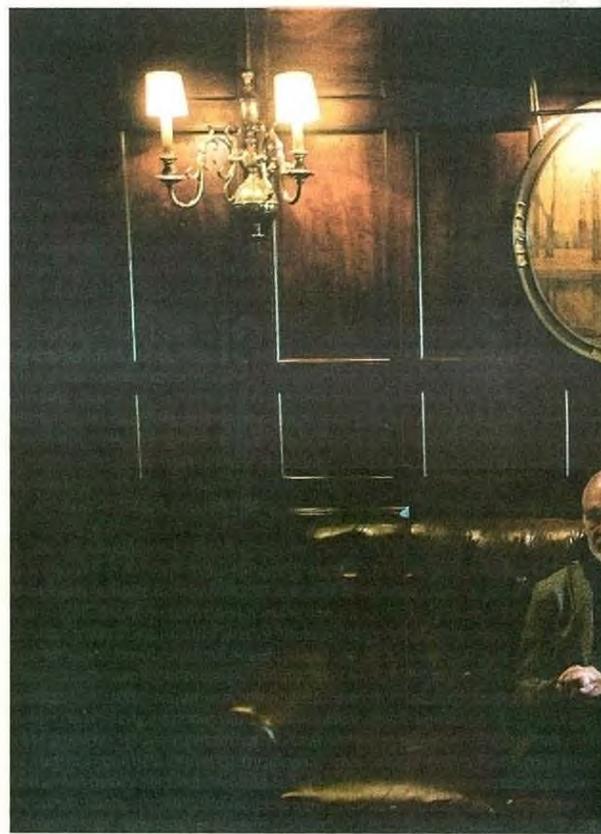
José Luandino Vieira

Nuno Domingues e Leonor Ferreira

Cultura Fundação Gulbenkian acolhe apresentação do projecto na quarta-feira

Luandino Vieira

A potência e a fragilidade dos papéis da prisão são agora um manancial digital



Dando sequência ao livro publicado em 2015, tudo o que o autor escreveu no cárcere fica agora disponível “para toda a gente”. Um “esmagador” acervo de duas mil páginas

Isabel Lucas

Toda a gente. Isto teria de estar disponível para toda a gente.” Só assim faria sentido para José Luandino Vieira, diz ao PÚBLICO Margarida Calafate Ribeiro sobre a decisão de tornar público e acessível a todos o arquivo digital que contém a produção completa do escritor durante os anos em que permaneceu na prisão. Primeiro em Luanda, depois no Tarrafal, na ilha de Santiago, em Cabo Verde. São duas mil páginas que incluem escritos políticos, o seu projecto literário, desenhos, um diário pessoal – e que na quarta-feira chegam ao formato digital.

“Toda a gente teria de ter acesso. Ele tem uma prática de luta pela liberdade, mas não há liberdade sem justiça. Esse é um dos elementos fundacionais do seu pensamento e da sua forma de actuar”, continua a investigadora do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra que, com o também investigador Roberto Vecchio, já havia trabalhado na edição do livro *Papéis da Prisão. Apontamentos, diário, correspondência (1962-1971)* (Caminho, 2016), um dos maiores contributos para a literatura de cárcere em língua portuguesa, publicado em 2015, a partir do que

Luandino Vieira escreveu ao longo dos 12 anos em que esteve preso.

São 17 cadernos, com muito material inédito, produzidos na sequência da sua prisão pela PIDE por integrar o movimento independentista angolano. O arquivo organizado por Margarida Calafate Ribeiro, Roberto Vecchio, Mónica V. Silva, Helena Rebelo e Nuno Simão Gonçalves foi financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian (que também já financiara o livro) e ficará num site alojado, precisamente, na morada online do CES.

É o concluir de um projecto que começou em 2012, quando o CES organizou o congresso *Memória Distante da Guerra*, sobre “guerras de libertação, guerras coloniais e guerras civis”. “A ideia era trazer não os guerrilheiros, ou os ex-combatentes, mas os que estavam à volta: as mulheres, os presos políticos. Luandino foi convidado nessa categoria, juntamente com José Luís Cabaço, um ex-clandestino da Frelimo [Frente de Libertação de Moçambique]. Ele trouxe os papéis para nos dar o exemplo do que era a vida de um preso político na altura, e leu alguns textos para percebermos esse quotidiano. E a partir daí é toda uma história de ir atrás de fragmentos”, conta a investigadora, sintetizando um longo percurso que teve como ponto alto, em 2015, a publicação de um “monumento” – “do ponto de vista de escrita da prisão e da experiência de vida e da memória”

– e que oito anos depois culmina com a digitalização de todo o acervo.

Aveso a conversas públicas, o escritor não quis falar sobre este momento, mas Margarida Calafate Ribeiro garante que está “a ser muito emocionante” para o autor de *Luanda* (1963), o mesmo que em 2006 recusou o Prémio Camões, o maior galardão das letras em português, alegando razões pessoais.

Na entrevista que concedeu a Margarida Calafate Ribeiro e Roberto Vecchio, incluída em *Papéis da Prisão*, Luandino Vieira fala do início do seu

“

Desejavelmente [este arquivo] representará uma consciência do quanto é importante a liberdade. E do que temos de fazer quando a perdemos

Margarida Calafate Ribeiro
Investigadora

projecto de construção literária e política e de como a prisão, em 1961, o apanhou, aos 26 anos, nessa espécie de gênese artística. “(...) Eu já tinha o hábito de escrever clandestinamente e na prisão desenvolvi essa prática. Os apontamentos, o diário, surgem também porque percebi que muito embora tivesse sempre confinado na minha memória (tenho muito boa memória), havia coisas que eu tinha de escrever, até porque a memória não podia guardar isso tudo.”

Margarida Calafate Ribeiro sublinha a percepção do autor de que a permanência na prisão seria longa. Na mesma entrevista, feita na casa onde vive, em Vila Nova de Cerveira, o escritor adianta que foi fácil adaptar-se à escrita no cárcere. “Os apontamentos, as notas já eram feitos pensando nisso [o projecto de registar a experiência], e os bilhetes que recebia, muitas vezes diziam: ‘Lê, decora e rasga.’ Eu lia, decorava e indisciplinadamente guardava.”

“Perplexidade!”

Parte do resultado dessa indisciplinada enriquece agora os arquivos sobre esse momento da nossa história colectiva, mas também da biografia de um escritor e de uma literatura em grande parte feita em contexto de encarceramento. “É um arquivo complexo, muito frágil em termos materiais”, diz a investigadora.

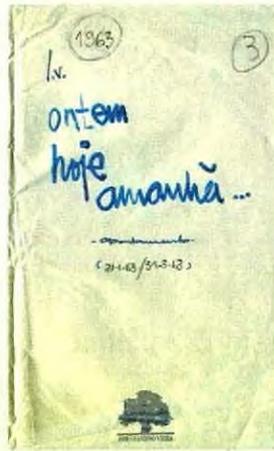
Organizado cronologicamente por

cadernos, permite ter a percepção não apenas da evolução de um pensamento, mas também de uma rotina – uma justaposição capaz de dar um retrato mais amplo de um dos escritores mais originais e também mais reservados da literatura em língua portuguesa. Um retrato de que fazem parte a caligrafia cerrada, os desenhos dos espaços em que era forçado a viver, dos rostos de familiares ou das personagens que, antes de escritas, nasciam de esboços, as fotografias de companheiros de prisão, poemas, reprodução de falas, do som do crioulo cabo-verdiano, impressões acerca de momentos que ele adivinhava dramáticos. Como este, à chegada ao Tarrafal, depois de ter saído da prisão de Luanda. “Perplexidade! Parece um sonho vir cá parar. A todo o momento creio que vai desaparecer o que tenho na frente e encontrar-me outra vez em Luanda. Mas não. O campo é o normal de [campo] de conc[entra]ção], fiadas duplas de arame farpado com outras transversais, guaritas c/ sentinelas armado, nas esquinas, cães, luzes e barracas.”

O texto acima citado consta de *Papéis da Prisão*, mas estar diante da reprodução do original traz-lhe um novo dramatismo que amplifica o testemunho. Voltamos a Margarida Calafate Ribeiro: “A ideia era tentar conservar essa materialidade frágil e transmiti-la ao leitor da melhor maneira possível, através de reprodu-



ENRICO VIVES-RIBIO



Após a cidade de Luanda, Lisboa foi novamente tomada e destruída... "Há um defeito aqui, não há, porque não há, não há..."



Como quando se dá um passo e dá-se um salto... "Como diria o meu pai, não há, não há..."



ções, com a convicção de que era importante ser partilhada publicamente para que as pessoas percebessem o que está além do livro. O Luandino é conhecido pela sua faceta política, mas também pela de ficcionista, de poeta, pelos desenhos. Ele é um artista multidisciplinar, mas este lado do Luandino, com este projecto político, este projecto de escrita, esta constante sustentabilidade familiar, nós não conhecíamos. Tudo isso era

importante partilhar enquanto ele estivesse presente, capaz de fazer as coisas connosco." A caligrafia na página 27 do caderno 3 é mais estendida. Luandino ainda está em Luanda, próximo da família, talvez a necessidade de poupar papel não fosse tão imperativa. "O Raul quando fala sem pensar é duma visão das realidades objectivas (como diz o amarelo: se ele pensa, estraga tudo). Hoje, em frente à cela da Clara,

Episódios do cárcere, esboços de personagens que virão a povoar a sua literatura, um retrato do filho, Xexe, que o escritor perdeu de vista aos quatro meses de idade: o acervo que agora fica online resume 12 anos de vida e de criação

distribuindo o almoço, saiu-se com esta para mim e Amaral que não perdemos uma oportunidade de estar à porta: - Angola é nossa! - e acrescentou irónico: - Até ver!" Está entre páginas cheias de desenhos, a maior parte estudos de personagens, no que parecia constituir um regresso à sua primeira expressão artística, a expressão plástica. Foi dela que nasceu a literária, numa das prisões de Luanda. Aquela em particular, descreve-a como "a cadeia que deu mais material literário", como salienta na mesma entrevista, que também estará no novo site. É a ela que pede agora que nos limitemos. Não irá dizer mais nada.

Emoção visual

E tudo segue respeitando a sua vontade. Na próxima quarta-feira, Luandino Vieira estará no auditório 3 da Gulbenkian para assistir à apresentação do arquivo. Esteve sempre presente nos momentos decisivos. Desde o início, em 2012, acompanhou todo o trabalho desenvolvido pelos investigadores do CES, e, já na fase da construção do arquivo, pelo arquitecto Nuno Gonçalves e pela designer Helena Rebelo.

Havia vários desafios, a começar pela já referida fragilidade material dos documentos, mas também, por exemplo, a dificuldade de responder à pergunta: a quem pertence isto? "A ele, é claro, mas, como ele diz, às gerações futuras", responde Margarida Calafate Ribeiro. Depois do livro, era necessário traduzir esse testemunho físico original para outra linguagem compatível com a proposta do diário em si. "Tentámos ao máximo que fosse uma coisa muito limpa, que fosse possível ler as histórias e ter a percepção de se estar a mergulhar naquele diário."

Há o homem nascido em Ourém a 4 de Maio de 1935 com o nome de José Vieira Mateus da Graça, o escritor que escolheu chamar-se José Luandino Vieira, o artista, o político e a sua visão do mundo, mas também uma época, depois de ter escolhido combater pela independência ao lado do MPLA, do casamento com Linda, do regresso a Portugal, do nascimento de Xexe, da prisão. A primeira vez em 1959, e de novo em 1961, tinha Xexe quatro meses.

Fora chamado à sede da PIDE. Achava que seria uma visita breve. Ficou. E de lá foi transferido para Luanda, e de Luanda para o Tarrafal. Ao todo foram 12 anos de prisão efectiva. Nos papéis, essa vida inteira perpassa. Há desenhos da mulher e um rosto imaginado de Xexe, o filho que deixou de poder continuar a conhecer quando foi transferido de Luanda, onde estava a família, para o Tarrafal. Bilhetes de companheiros de luta pela independência, estudos para capas de livros, o desejo da galinha de um dos contos que compõem

Luanda: "Vou pôr a história da galinha e do ovo. Esta história passou no musseque Terra Nova, nesta terra de Luanda. Se é bonita ou feia, vocês é que me vão dizer. Eu só sei que é preciso contar-lhe..."

O que poderá representar tudo isto para quem o ler? "Desejavelmente representará uma consciência do quanto é importante a liberdade, que, como já se disse, aparece sempre conjugada com a questão da justiça. E do que nós temos de fazer, ou podemos ter de fazer, quando a perdemos, ou quando ela falha. Ai também a materialidade do arquivo é importante, porque não me aparece que seja muito imaginável para um jovem português de hoje perceber sequer o que aquilo era, escrever daquela forma hiperdensa por não haver papel, e porque era preciso enrolar o papelinho e guardá-lo num sítio qualquer que fosse protegido. Não me parece também que seja muito possível para um jovem de hoje, em Angola, imaginar essa dimensão da luta através de papéis, de desenhos. É um exercício de sobrevivência humana. Está no livro Papéis da Prisão, mas visualmente essa sobrevivência fala de outra forma."

Além do acervo, o site traz novas contextualizações, e é ele mesmo um documento acerca da sua própria construção. Está lá o autor dos Papéis da Prisão, mas também estão lá as reflexões que esses papéis já provocaram na imprensa ou na academia, onde desde então já duas teses foram defendidas e outras quatro estão a ser feitas neste momento. Juntam-se ainda artigos sobre questões coloniais e literárias, sobre o cárcere, sobre a guerra. E o texto da peça levada a cena por Jorge Silva Melo - Tenho Trinta Anos Estou nas Cadeias Há Quatro, a partir de Papéis de Prisão. Uma galeria de imagens mostra o making-of do livro.

Digitalizado o arquivo, abrem-se os cadernos, passam-se as páginas e Margarida Calafate Ribeiro refere como esse simples gesto pode provocar uma "emoção estética". "É um espaço de imersão visual que nos confina, quase, ficamos presos àquilo. Passa muito pelo silêncio e pelo respeito, quase uma incapacidade de dialogar, porque está lá tudo, de alguma maneira. Preenchemos." E, conclui, 50 anos depois este era um gesto importante: "Vamos estar a festejar o 25 de Abril, as independências e, com o acordo do Luandino, era importante que isto ficasse disponível para as gerações futuras; que as pessoas possam aceder a uma emoção que vá além do texto. Este material tem essa capacidade de nos emocionar. É muito paradoxal: isto é de uma fragilidade enorme, de uma potência enorme, mas por outro lado é uma coisa que nos esmaga."



Abrir portas onde se erguem muros

Director: Manuel Carvalho Domingo, 26 de Março de 2023 • Ano XXXIV • n.º 12.017 • Diário • Ed. Porto • Assinaturas 808 200 095 • 1,90€



Gilles Lipovetsky
 “A luta climática vem preencher o vazio das grandes ideologias”

P2



Carlos Coutinho Vilhena
 Autocensura?
 “Faço todas as piadas que me apetece”

Os desafios da liberdade Política, 8/9

Público

Abusos e apostasia
 Desapontados com as atitudes da Igreja, católicos repudiam o baptismo e a fé

Papa alarga lei sobre abusos aos líderes leigos de associações

Sociedade, 12/13

Marinha Portuguesa está “velhíssima”, idade média da frota é de 29 anos

As condições da esquadra portuguesa têm estado na ordem do dia desde que 13 militares do navio NRP *Mon-*

dego se recusaram a embarcar numa missão, alegando falta de condições de segurança. O PÚBLICO faz o retra-

to dos navios da Marinha. E dois chefes do Estado-Maior da Armada, Luís Fragoso e Fernando Melo

Gomes, mostram preocupação com o desinvestimento na manutenção dos navios – o mais antigo tem 54

anos. “Não é uma Marinha velha. É velhíssima”, aponta Melo Gomes **Destaque, 2/3 e Editorial**

“Faz sentido”
 UGT admite pedir revisão do acordo de rendimentos

Economia, 19

Luandino Vieira
 Doze anos de prisão agora contados num *site* para todos

Cultura, 24/25

Escola só depois das 10h?
 Quem tem aulas mais cedo tem piores notas

Estudos mostram que horários madrugadores são prejudiciais **Ciência e Ambiente, 22/23**



Guerra
 Putin vai armazenar armas nucleares na Bielorrússia

Mundo, 16/17